SE DEUS É CONTRA, POR QUE ME FEZ ASSIM?
Bíblia, homossexualidade e ética

Anete Roese

"Eu me sinto homossexual desde criança; desde quando eu posso me lembrar, sinto atração pelo mesmo sexo. Só que isso sempre foi reprimido em virtude do meio em que eu vivia... Então fiquei adolescente, e sempre namorei meninas até há um tempo atrás... tive a primeira experiência homossexual... Sofri muito, pois eu não queria admitir a minha condição. A minha cabeça quase entrou em parafuso! Eu não tinha em quem buscar auxílio..."

"Apesar de sempre ter me sentido homossexual, eu nunca admiti isso e implorava para que Deus tirasse esses sentimentos da minha cabeça e do meu corpo. Ao mesmo tempo, eu pedia a Deus para ter uma experiência homossexual – eu achava que iria ficar com nojo e que nunca mais voltaria a sentir aquilo (eu pensava que era pecado). Quando aconteceu, eu não senti nojo, pelo contrário, foi ótimo!... Tenho medo de uma coisa: a homofobia de muitas pessoas. (...) Me fazia esta pergunta: se Deus é contra, por que me fez assim? Por que ele não se importava com todos os sacrifícios que eu fazia para mudar? Isto me martirizava até que me dei conta que Ele me fez assim, que tudo era parte d'Ele e que eu não tinha que mudar (que, aliás, comprovei ser impossível!). Senti novamente Deus como meu criador e Jesus como meu amigo e pude perceber que Ele não iria me condenar. Pensei: Pô! Deus nos fez a todos. Todos somos pessoas criadas à imagem d'Ele e temos o mesmo valor. Então, não importa se eu amo uma mulher ou um homem, importa é que eu ame. Então, se eu prefiro (ou gosto de) homens, por que eu tenho que ser condenado por isso?... Os heterossexuais são a maioria e nós a minoria. A maioria pensa de um jeito e impõe a sua 'verdade'"[1].

Esta é a carta de um jovem profeta. Chama-se Alex. Não está no cânon bíblico. Está no cânon da Vida – hoje – anunciando o fim. O fim do pecado, o começo da graça que vence a opressão e faz ressuscitar a liberdade do desejo. E denunciando a violência sofrida pela negação da dignidade do desejo. Quero partir deste texto, desta carta. Quero partir do texto da vida de hoje, do lugar onde Deus se revela agora, aqui entre nós, na rua, na comunidade, em casa; nas nossas perguntas, nos sentimentos... Assim, tomamos a vida como texto. Depois de olhar para a vida das pessoas e de tentar senti-la, compreendê-la, de ver como Deus se manifesta na vida hoje, podemos buscar auxílio no que está revelada na bíblia. O texto bíblico será então nosso contexto. Na Bíblia

1. Estas são palavras, idéias e experiências de Alex (nome fictício) contadas em duas cartas escritas para mim, nas quais ele também me autoriza a usar seu conteúdo em algum estudo.

temos outros textos, outras cartas, relatos de inúmeras experiências de vida que podem nos auxiliar a compreender nossas experiências de dor e amor.

Os textos bíblicos não são regras eternas e abstratas, que afirmam uma única verdade para todos os tempos. São histórias de vida de lugares, povos e comunidades que viveram experiências únicas. A revelação de Deus não começa e tampouco se encerra na Bíblia. Muitas vezes, ela parece contraditória, incoerente. Porque ela nos fala de vários acontecimentos ao longo de muitos séculos. A incoerência da Bíblia acaba sendo a própria dinâmica da verdade de Deus: a verdade não é a mesma para todas as circunstâncias, épocas, situações e pessoas. Ser cristão não é manter a mesma opinião e postura em qualquer situação. Ao contrário, é mudar de opinião sempre que a vida guiada pelo amor assim pede. A verdade evangélica está imbuída da ética que equilibra o amor à pessoa próxima e o direito e o respeito à vida. Em se falando de sexualidade, a ética cristã defende o direito ao prazer, ao desejo; o direito de amar qualquer pessoa. Ou pode ser o amor um pecado, mesmo quando acompanhado de amizade e respeito?

A Bíblia traz textos dos quais se pode deduzir um pecado ou uma atitude homossexual. Mas para condenar uma pessoa de orientação homossexual, como acontece nos dias de hoje através de preconceitos e discriminações, que levam à violência, exclusão social e até à morte, deve-se repensar, ver e reler a Bíblia e nossas idéias sobre sexualidade. Mas não basta ler ou reler os textos bíblicos se não lermos ou relermos os nossos preconceitos, verdades falsas e estáticas.

Em Gn 19 está a história de Sodoma e Gomorra, texto usado para condenar a homossexualidade. Uma leitura mais atenta, no entanto, mostra que ali não se fala de homossexualidade, mas do pecado da violência contra estrangeiros e falta de hospitalidade. A própria Bíblia acusa Sodoma dos pecados de adultério, mentira, e de dar a mão aos malfeitores (Jr 23,14); crime (Gn 13,13); soberba, fartura de pão, próspera tranqüilidade, falta de amparo ao pobre e necessitado (Ez 16,49); holocaustos e sacrifícios falsos (Is 1,10s). O versículo 5 pode dar a entender uma tentativa de estuprar os visitantes. Mas isso é um ato violento que pode ser praticado também por heterossexuais. A homossexualidade não é estupro, nem violência. Atitude semelhante seria definir todos os homens heterossexuais como estupradores de mulheres e crianças, violentos em casa e na rua, machistas, etc. Aliás, a heterossexualidade também não é definida a partir destes seus desvios e doenças. A atitude de Ló, ao oferecer as filhas para serem violentadas, não é menos agressiva do que a intenção dos habitantes de Sodoma. Elas tiveram mais sorte que a concubina do levita (Jz 19) que foi estuprada até a morte.

Os textos de Lv 18,22 e 20,33 dizem que um homem deitar-se com outro homem como se fosse mulher é abominação, pecado de morte. São trechos do código de santidade de Israel, que se preocupa em afastar práticas impuras praticadas por outros povos, entre elas as relativas à sexualidade. O povo recupera "os costumes sexuais de seus ancestrais nômades, cuja sobrevivência dependia da reprodução, tanto de seus

rebanhos como deles mesmos. (...) Homossexualidade, aborto, prostituição e infanticídio, práticas legais aceitas entre alguns de seus vizinhos pagãos, contrariavam os hábitos e a lei judaicos."[2] Aliás, se a lei passou a proibir, é possível que havia homens que deitavam uns com os outros. Talvez até mulheres; o fato de este caso não constar na lei pode significar que a união delas não implicava nenhuma ameaça.

Inevitavelmente, vemos que algumas leis não fazem mais sentido hoje. Na verdade, hoje a lei se inverteu: homens homossexuais e mulheres heterossexuais e homossexuais são vítimas de estupro e violência, até de morte, causadas por heterossexuais. Estes é que pecam. No texto em que vivemos hoje, temos outros códigos de santidade, que também são canônicos, porque se fundamentam no evangelho, quer dizer, no amor ao próximo. O amor não pergunta se é mulher ou homem: simplesmente ama. Os textos bíblicos que aludem à homossexualidade de forma explícita falam desta apenas em nível de relação sexual e comportamentos agressivos ou efeminados. Homossexualidade não se resume ao ato sexual, e ser feminino não é pecado. A não ser que, a partir da cultura e de uma teologia androcêntricas, o ser feminino, o parecer-se com uma mulher, seja de fato um pecado.

1Cor 6,9: "Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus?... Nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas..."

Rm 1,26-27: "Os entregou Deus a paixões infames, porque até as suas mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro contrário à natureza; semelhantemente os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens..."

Na época de Paulo eram comuns as orgias grupais nos cultos de fertilidade pagãos. Nas sociedades romanas, a pedofilia e a prostituição faziam parte de práticas sexuais entre homens que se inflamavam mutuamente. Homens livres heterossexuais ou bissexuais desprezavam as suas esposas e praticavam orgias sexuais com seus escravos, prestando culto aos ídolos. Não só entre os romanos, mas também entre gregos, as relações homossexuais eram comuns, sobretudo na classe mais abastada, onde os imperadores proclamavam os beijos colhidos de seus namorados. Enquanto as relações com mulheres eram privadas, as relações conjugais ou extraconjugais com os namorados davam *status* social aos homens da nobreza. O que se evidenciava é que os nobres, além de deter o poder político, também detinham o poder – como ativos –, na relação sexual[3]. Portanto, ser ativo – iniciar e dominar relações e transações, políticas ou sexuais – está no mesmo nível de afirmação de poder da classe alta masculina. Considerava-se a passividade como inferioridade e negação da virilidade, sendo a pessoa passiva discriminada socialmente. Em Atenas, a pederastia tinha ampla aceitação social. Em Creta, ela fazia parte dos ritos de passagem da juventude cívica[4].

2. PAGELS, Elaine. *Adão, Eva e a Serpente*, p. 38.

3. Cf. VEYNE, Paul, in *Amor e sexualidade no Ocidente*, p. 61-62.

4. Cf. SARTREC, Maurice, in *Amor e sexvalidade no Ocidente*, p. 50.

As relações contrárias à natureza não eram as de dois homens amantes, mas a lesbianidade, a necrofilia e as uniões com divindades. Dentre os políticos, havia os que desprezavam as paixões amorosas porque seriam incontroláveis e amoleciam o cidadão. Filósofos queriam suprimir o prazer e permitir apenas relações sexuais com fins reprodutivos[5].

Para criticar estes costumes, Paulo toma da filosofia grega a categoria da natureza (Rm 1,26-27) como elemento retórico para fundamentar seu apelo em 1Cor.[6] Naquele tempo também circulavam transcrições de catálogos estóicos com listas de pecados das quais Paulo copiou a condenação de relações homossexuais[7]. Nada disso era cristão, a princípio, mas tornou-se cristão depois que Paulo assumiu algumas destas opiniões, que se tornaram as nossas, além de outras que se tornaram nossa herança – a exemplo de Agostinho, que tem enorme influência na teologia cristã. Depois da sua conversão ao celibato, a sexualidade tornou-se para ele um enorme tabu[8].

5. Cf. VEYNE, Paul, in *Amor e sexualidade no Ocidente*, p. 61.

6. HANKS, Tomás. *Tomando la Biblia en Serio*, p. 7.

7. Cf. TRASFERETTI, José. *Pastoral com Homossexuais*, p. 61.

8. Alguns questionamentos para Paulo e para nós: 1. Paulo afirma em Gl 3,28 que, a partir do batismo, não há mais homem nem mulher. Por que nós, então, insistimos na separação, no dualismo rígido entre homens e mulheres, fixando-lhes papéis estáticos, sem dinamismo e criatividade vital como ensina o Espírito Santo, e hierarquizados – onde o feminino é considerado passivo e discriminado a ponto de sofrer marginalização, violência física, psíquica, espiritual e até a morte? Confinar nossas experiências e formas relacionais a apenas dois tipos que se contrapõem – ou masculino ou feminino – é um reducionismo agressivo imposto às pessoas, para domesticá-las dentro de ideologias e teologias suspeitas de fazerem Deus e o ser humano à sua imagem. Se, perante Deus, não há mais homem nem mulher, então acabaram as diferenças hierárquicas relativas à sexualidade. Então as semelhanças ou diferenças anatômicas dos homens entre si, das mulheres entre si e entre mulheres e homens não definem e restringem desejos, sentimentos e experiências que terão ao longo da vida. As diferenças anatômicas biológicas são mínimas em vista das enormes diferenças anatômicas forjadas cultural e socialmente entre homens e mulheres. 2. Paulo desconsidera as relações homossexuais. No texto de 1Cor 7,25s, o apóstolo é muito sincero quando afirma com respeito às virgens: "Não tenho mandamento do Senhor; porém dou minha opinião..." É possível que, no caso da homossexualidade, Paulo também não tenha mandamento do Senhor, mas que esteja dando sua própria opinião. De qualquer forma, dificilmente Paulo pretendeu dar um veredicto de verdade absoluta, válido infinitamente, em todos os tempos e lugares. 3. O apóstolo também anuncia que Deus não faz acepção de pessoas (Rm 2,11) e que o justo viverá por fé (Rm 1,17). Sei que pessoas homossexuais também são justas e fiéis e vivem sua sexualidade de forma íntegra; ao mesmo tempo, ninguém é totalmente santo, mas todas as pessoas estão debaixo do pecado. Ora, se a lei não justifica, também a lei da heterossexualidade obrigatória não salva as pessoas adeptas do império heterossexual (Rm 3,9s). Creio que Deus escolheu também a homossexualidade, tão sofrida para a maioria, dentre as cousas loucas do mundo para envergonhar os sábios, dentre as cousas fracas para envergonhar as fortes, ... a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus (1Cor 1,26s). Os que se vangloriam da sua sexualidade certamente não estão na presença do Senhor. 4. Esta concepção do que é natural e não natural, o apóstolo não a traduz da cultura hebraica, onde se tinha uma compreensão integral do ser humano e da realidade. A concepção dualista da realidade e do ser humano ele a toma da cultura grega. De acordo com esta, há uma verdade natural e superior, estabelecida a priori, que não sofre interferências sócio-culturais e ideológicas. Já antes de nascer a pessoa e suas relações estariam determinadas. Conseqüentemente, o natural é o masculino ativo e o feminino passivo, tanto nas relações de ordem social quanto sexual. Paulo não tem simpatia ou empatia com os encontros amorosos-sensuais-íntimos em geral. Como celibatário, considerava-os desnecessários e sem sentido. É possível também que Paulo esteja apenas condenando um exagero sexual. Mas por que só o faria para os encontros homossexuais e não para os heterossexuais? Pois sabe-se da época e de hoje que a heterossexualidade tem listas infinitas de violência e perversidade sexual – evidenciando o *status* de sua postura 'ativa' nas relações sociais-sexuais. Pode-se suspeitar que Paulo desconhece o amor, o afeto e a amizade que constituem os relacionamentos entre pessoas homossexuais.

Uma teologia e epistemologia emotivas, que se encontram com a vida e com a ética, podem ser uma ferramenta que nos ajuda a reconhecer como se sedimentam os nossos conhecimentos sobre a vida íntima através dos tempos, a fim de desconstruí-los e elaborar outros. Uma epistemologia e teologia da intimidade perguntam: o que sabemos e pensamos hoje sobre sexualidade sempre foi assim? Se nem mesmo a geografia do mundo criado por Deus foi sempre a mesma, que dirá, então, as relações humanas. Lêem-se fatos, teologia, histórias, lê-se a Bíblia e salta aos olhos que nada confere; quer dizer, nada é exatamente como já foi uma vez. Creio que nem Deus é sempre igual! De fato, não há nenhuma verdade a priori, que não se modifique segundo as necessidades. Não há verdade absoluta, única, universal que resista a todos os tempos, lugares, culturas e povos. A epistemologia, que faz uma arqueologia do nosso conhecimento, sempre deverá perguntar pela ética – como ela está presente nas crenças e nos estudos escritos. Aquilo que sabemos e como o sabemos determina nossa postura diante da realidade[9].

A vida de Alex, como qualquer outra, é lugar de revelação e presença de Deus. É lugar onde a graça divina acontece. Esta vida também é texto, a carta é o testemunho escrito, assim como as cartas do apóstolo Paulo. Deus se torna vida humana, carne, Deus encarna, sofre a dor de Alex e de outras pessoas discriminadas sexualmente, e provoca libertação. As cartas de Alex refletem o mundo da vida, não são do mundo das concepções, racionalizações feitas à distância sobre pessoas e situações. É outra epistemologia, portanto.

"Cada um sabe a dor e a delícia de ser que se é", canta Caetano Veloso. Compreender a homossexualidade é muito mais profundo do que especular sobre suas causas, interessar-se pela experiência e pelo ser da outra pessoa. É aceitar a dinâmica das relações e do desejo humano, recebendo a outra pessoa incondicionalmente. Para a teóloga Ivone Gebara, buscar pelas causas daquilo que se conhece (buscar as causas da homossexualidade, penso eu) contradiz a nossa realidade processual e complexa e evoca uma ideologia de saber linear, em linha reta. Para ela, linearidade tem conotação moral: o melhor está sempre longe de nós, mais adiante. As causas estariam sempre no começo (também inalcançável) da linha, e o final deve conferir, ser exatamente como o começo[10]. A modelização da sexualidade não foge desta categoria da linearidade. A heterossexualidade se apresenta e apresenta a sexualidade como um todo pré-fabricado, linear, imutável. Para o sociólogo Michel Maffesoli, o conhecimento deve buscar a compreensão das coisas, e não suas explicações causais (determinismo); contar como a vida acontece de fato, não com suposições ou pré-conceitos. Dessa forma, as respostas para as nossas investigações já estariam aí. Ao invés da pergunta pelo por quê, passar à pergunta pelo como[11].

9. GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista*, p. 31-32.

10. ID., *ibid.*, p. 63.

11. MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*, p. 120-22.

"Eu não espero que a sociedade entenda o homossexualismo, mas eu espero que os seres humanos sejam respeitados".[12] Essa sabedoria de Renata podemos dizê-la profundamente científica, pois a teoria da sexualidade só pode proceder da práxis. Teologicamente, procurar causas da homossexualidade é questionar a obra de Deus. Obras ditas científicas, objetivas, racionais, que especulam sobre as causas da homossexualidade com o pré-suposto de condená-la não deixam de ser apologia da heterossexualidade – que, no exato momento de fazer sua autodefesa, mostra-se sexista e castradora, porque a heterossexualidade se quer a única forma possível de vivência erótica que deveria reinar universalmente. A heterossexualidade pressupõe uma sexualidade uniformizante e hierárquica-dualista, onde uma das duas partes envolvidas num encontro erótico deve ser macho, superior e dominador. É a ideologia dos opostos que se atraem, sendo que um deve dominar. Aí a igualdade e a intimidade não andam juntas. Por isso, dois homens ou duas mulheres, numa relação íntima entre si, confrontam a concepção ativo x passivo presente no heterossexismo.

Reivindica-se, portanto, uma ética relacionada com a vida íntima, com a sexualidade, com o cotidiano. Sabemos que o corpo, a sexualidade, os sentimentos, as razões sensíveis são política, social e culturalmente determinadas. O que muitas pessoas conhecem sobre a homossexualidade nos dias de hoje são postulados morais, bíblicos, jurídicos, culturais e conclusões da medicina que estão mais baseadas na moral religiosa e na cultura preconceituosa do que em pesquisas científicas sérias. O saber, no entanto, não empreende mais apenas um acúmulo de idéias históricas, bíblicas, filosóficas... mas a pergunta é, antes de tudo, pela experiência, pela ética das relações humanas. Assim como a práxis feminista tem questionado as relações heterossexuais autoritárias, também o saber relacional de gays e lésbicas tem questionado relações heterossexuais, trazendo novas possibilidades de convivência íntima. Aí a reprodução/paternidade e maternidade obrigatórias são relativizadas; a monogamia, o amor eterno/romântico/idealizado e o amor entre opostos como regra encontram maior democracia e são relativizados; a monogamia ganha nova dinâmica porque não está absolutamente atrelada à lei heterossexual que, geralmente, só vale para as mulheres. Amor eterno e monogamia, como sabemos, são abstrações que não conferem com a prática.

O erotismo, o desejo, a paixão e a amizade são novas possibilidades trazidas para dentro das relações heterossexuais a partir do saber forjado no movimento homossexual e feminista. Da mesma forma, a genitalização das relações heterossexuais passa a ser substituída por formas de afeto muito mais amplas, onde a sexualidade está relacionada com diálogo, divisão igualitária de direitos e deveres, respeito, e não apenas com o sexo genital.

A homossexualidade também questiona a virilidade, tão cara e perturbadora aos homens heterossexuais. A cultura masculina heterossexual agride gays e lésbicas porque supõe que toda relação íntima precisa ter a presença de um macho viril, ativo,

12. Fala de Renata, lésbica, citada em TRASFERETTI, José. *Pastoral com Homossexuais*, p. 118.

dominador. É a cultura falocêntrica, falocrática, centrada no pênis, na virilidade e no poder da masculinidade. Pensa-se que a virilidade do homem é inata, eterna, biológica. Mas ela é apenas mais um componente heterossexual que, como a própria heterossexualidade, é construída histórica, social e culturalmente. Assemelhar-se à mulher ou ao feminino é um ultraje à cultura dos machos. Afinal, ser mulher é ser inferior, passivo, emotivo, fraco. Os homens homossexuais, associados ao feminino e passivo, ofendem a cultura viril masculinista. A homossexualidade feminina também ofende, pois duas mulheres juntas seria o acúmulo destas qualidades negadas. Ademais, uma relação sem um homem, sem falo, não poderia ser prazerosa afetivamente, nem sustentar-se financeiramente e manter uma ordem objetiva no lar.

Torna-se urgente suplantar o dualismo hierárquico que se pretende como razão única e eterna. Os seres humanos, suas vivências e experiências afetivas, não podem ser reduzidas a dois tipos, masculino ou feminino. Os sentimentos e desejos não obedecem unicamente a normas morais e culturais. A aparência física não determina e tampouco explica e limita todo o ser, ou toda a identidade de uma pessoa. A identidade não é só masculina ou feminina, nem estática, mas dinâmica; "somos sujeitos de múltiplas identidades (...) somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural..."[13] Aos poucos nos damos conta de que a identidade não é destino, mas é um processo descontínuo, é o acúmulo de experiências multifacetadas. A identidade nunca está concluída. Ela não se constrói de forma linear. Ela é a mistura de tudo o que nos passa na vida, tudo o que sabemos, sentimos, vemos, comemos, cheiramos; de tudo que fizemos ou deixamos de fazer, ser, dizer, sentir; e os sonhos, as esperanças, etc.; e cada vez mais sabemos que tampouco a biologia define toda a nossa vida. Tampouco nossa formação biológica é destino. Nosso ser biológico se adapta e se transforma conforme a cultura e a dinâmica social. As diferenças biológicas entre heterossexuais ou homossexuais e entre homens e mulheres são mínimas, até insignificantes, quando comparadas ao abismo das diferenças criadas culturalmente entre as pessoas ditas opostas. As diferenças sexuais são criadas. Até o século XVIII, o discurso dominante ainda afirmava a existência de um sexo único (mas hierárquico) na união do homem e da mulher. Este modelo se esgotou nos debates políticos e médicos do século XIX, e foi sendo substituído por um que marcava uma diferença radical e uma oposição das sexualidades masculina e feminina. "Foucault argumentou que a própria idéia de sexualidade como um domínio unificado é essencialmente uma idéia burguesa, desenvolvida como parte da auto-afirmação de uma classe ansiosa para diferenciar a si mesma da imoralidade da aristocracia e da promiscuidade supostamente irrestrita das classes inferiores. Era basicamente um projeto colonizador, buscando remodelar tanto a política quanto o comportamento sexual à própria imagem".[14]

13. LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado*, p. 12.

14. WEEKS, Jeffrey. *O corpo e a sexualidade*, p. 55, cf. p. 57.

Lembrando novamente as cartas de Alex, elas denotam várias raízes da negação da sexualidade e da homossexualidade às quais ainda estamos presas. Alex descobriu lá pelas tantas que o que ele estava sentindo e desejando era pecado. A noção de que a sexualidade é pecado recebe ênfase especial em Agostinho, a partir do século III, quando o pecado original foi interpretado como tendo uma relação direta com a sexualidade. Além disso, permanece sutilmente entre nós o dualismo entre corpo e alma, proveniente do pensamento grego e que é afirmado por muitas igrejas até hoje. Quando se afirma que a homossexualidade é pecado se está ligando o pecado ao corpo e à sexualidade. Se, ao contrário, rechaçamos a teologia que nega o corpo e a sexualidade, não podemos encontrar na homossexualidade pecado. Aliás, permanece a questão do prazer sexual. A ética sexual estóica, da qual o apóstolo Paulo foi herdeiro, não via sentido no prazer sexual quando não visava a reprodução. Os e as heterossexuais têm, então, a grande justificativa quando se unem por puro prazer: fazem de conta que estão o tempo todo tentando reproduzir, procriar. Da mesma forma, quando só homens se reúnem para jogar ou beber, encontros explicitamente homoeróticos, há uma desculpa social para isto, mascarando, legitimando o amor ao outro homem[15].

Outra concepção que vem marcando a cultura ocidental é a da racionalidade. Que somos seres racionais não emocionais. A famosa frase de Descartes (1596-1650): "Penso, logo existo", está carimbada na nossa vida. Durante séculos ela vem afirmando que devemos ser racionais, não emocionais. Enfatiza o dualismo alma/corpo, espírito/matéria, pensar/sentir. Esse pensamento fez história. Fez a humanidade acreditar que o corpo não se relaciona com a cabeça e vice-versa, que o corpo e as vivências não influenciam as idéias, que seriam puras. Claro, inúmeros corpos engravatados e domesticados dão a impressão de que estão aí para conduzir suas cabeças pensantes de um lugar para o outro. Para a comunidade cristã, esta não deveria ser a última palavra. Pelo menos, a afirmação do apóstolo Paulo de que a Igreja é o corpo de Cristo (1Cor 12) não está baseada em uma concepção negativa do corpo. "O espírito precisa do corpo, mas ele o agita em confusão: os olhos, habituados a ver, ouvem; os ouvidos, acostumados a ouvir, vêem; o nosso corpo adestrado entra em confusão terrível. O Espírito cria, além disso, totalidade ao unir vida corporal, sexual e psicológica (...) Todas as nossas divisões e separações, culturalmente determinadas, são suprimidas e não apenas niveladas"[16].

Não se pode mais negar o saber que passa pelo corpo e que se fundamenta a partir da corporeidade. Nas palavras de Hugo Assmann, somos/temos uma "cognição corporal". "Todo conhecimento é um texto corporal, tem uma textura corporal (...) se multifurcam, depois, diversas e diferenciadas ênfases teóricas. (...) Até hoje predominam as concepções mentalistas do conhecimento. A instância 'operacional' do conhecimento seria a mente e, em decorrência, definiam-se os processos cognitivos como

15. HIGHWATER, Jamake. *Mito e sexualidade*, p. 79.

16. MOTMANNN-WENDEL, Elisabeth. *Espírito e Corpo*, p. 77.

processos mentais. A inteligência e mesmo a memória eram concebidas como instâncias mentais. (...) Esse modelo mentalista não é mais compatível com o que hoje se sabe sobre nossa corporeidade e, em especial, sobre o funcionamento do nosso cérebro/mente."[17] Nem tudo, talvez nem a metade, do que aprendemos se dá de forma consciente, racional. De fato, sempre gostamos muito de pegar os objetos que queremos conhecer, quando só ver não basta. A aprendizagem se torna, assim, um processo do corpo todo. Sentir, cheirar, desejar, sonhar dormindo, sonhar acordada, ouvir, dançar, comer ou não ter o que comer, abraçar ou não, morar ou não... todos os sentidos, muitos, muito mais do que os cinco que alguém estipulou, estão envolvidos no processo de saber, conhecer e aprender. Assmann sugere o termo corporeidade como um conceito pós-dualista do organismo vivo. Segundo ele, o termo supera polarizações semânticas contrapostas como corpo/alma, matéria/espírito, cérebro/mente. Corporeidade não quer ser sinônimo de corporalidade. O primeiro seria um termo mais político, histórico, religioso, que pode nos auxiliar como referencial de abordagem crítica em favor do respeito à dignidade humana[18].

Este tipo de categorização, muitas vezes tido como natural, na verdade é contra a natureza dinâmica, mutante da sexualidade humana[19]. Assim como a psicanálise dominante tem estado centrada em categorias de análise androcêntricas, da mesma forma a pesquisa em torno da sexualidade tem sido longamente unilateral, tem fracionado e objetificado a sexualidade. Falar de sexualidade, na pesquisa, era voltar-se à anatomia e à manipulação mecânica dos genitais. Raras vezes se abordava o tema a partir da convivência social ou da violência, por exemplo. A tendência tem sido focalizar a sexualidade nas virilhas, o que certamente é resultado da potencialização masculinista do falo, das atitudes sexuais e do analfabetismo emocional[20].

Um ótimo exemplo referente à pesquisa e à psicanálise é trazido por June Singer. Ela questiona as teorias de Freud e Jung quanto à natureza dos impulsos sexuais e do comportamento sexual. Segundo ela, na terapia, muitas pessoas heterossexuais expressavam anseio por uma relação íntima com pessoas do mesmo gênero. Da mesma forma, pessoas homossexuais mostravam vontade de ter esporadicamente relações eróticas com pessoas heterossexuais. Pessoas de ambos os grupos se sentem censuradas e sofrem com a classificação estática de seus referenciais eróticos.

Além da divisão entre as questões do corpo e as questões da mente, religiões e teologias têm separado as coisas humanas (do mundo) e as coisas de Deus. Neste pressuposto, inclusive a ressurreição entra na classificação binária: ela seria um acontecimento para depois da morte, e não já, na vida, nas lutas do dia-a-dia, na beleza

17. ASSMANN, Hugo. *Paradigmas ou cenários epistemológicos complexos?* p. 59-60.

18. Id., *Reencantar a educação*, p. 150.

19. SINGER, June. *Androginia. Rumo a uma nova teoria da sexualidade*, p. 42.

20. Cf. HIGHWATER, Jamake. *Mito e sexualidade*, p. 14.

das novas vivências, dos encontros onde se vive o amor e o respeito, na justiça social, relacional... É a compreensão de mundo, de acontecimentos, que supervaloriza uma classe, uma raça, um tipo de sexualidade, uma parte do corpo e subestima outras; a vontade de Deus estaria afastada, separada da vontade dos seres humanos. "Isto significa que se pensa, se trabalha e se age como se o nosso universo não apenas correspondesse a estas separações, mas, de fato, Deus assim o quisesse. Deus aparece como quem dá fundamento a essa construção imaginária do real."[21]

O saber feminista de Ivone Gebara diz que conhecer é experimentar. O que não significa que sempre se pode traduzir em palavras o que se conhece. O conhecimento pode ser a expressão mais simples do mistério que somos e no qual somos. Não precisamos dispor de uma hierarquia científica com poder instituído para julgar quais experiências valem e quais não valem. "Conhecer não é, em primeiro lugar, um discurso racional sobre o que estamos conhecendo." Quando se acredita, quando se lê, quando se afirma é fundamental perguntar a partir de que experiência humana, ou a que experiências corresponde o que está em questão[22]. Porque conhecer não é julgar, lançando opiniões abstratas que passam longe da realidade de pessoas e situações conhecidas. Conhecer também não é generalizar uma opinião. Isto poderia resultar em, por exemplo, avaliar toda a heterossexualidade a partir da violência doméstica e dos estupros; ou avaliar todas as pessoas homossexuais a partir do pressuposto da promiscuidade. Perguntar a partir da experiência é democratizar os poderes e as relações humanas. A sexualidade, o desejo, não existe fora das relações humanas. A relacionalidade é um fundamento essencial do ser humano, é violência negá-la às pessoas homossexuais.

E Jesus, em meio a tudo isso, não diz nada? Não, ele não dá nenhuma regra definitiva que possa servir como receita dada por interpretações fundamentalistas em relação à sexualidade e, sobretudo, homossexualidade. Mas Jesus fala tudo em sua prática; mas também fala com palavras para quem tem ouvidos. Ou, o que dizer da atitude de Jesus com as mulheres que nem sequer tinham o direito de falar com homens, e que a lei mandava que fossem apedrejadas quando flagradas em 'pecado sexual'? Jesus as perdoou, aceitou, curou, ouviu, respeitou e deu-lhes autoridade e poder. Jesus conhecia as leis de pureza e impureza do Levítico, mas preferiu ignorar a lei da impureza do corpo e transferi-la para o coração do ser humano. Sua ética é outra: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo"; é o que se diz em Lv 19,18 e o que Jesus destaca para a sua compreensão em Mt 22,39. É possível que entre os discípulos e as discípulas de Jesus também estivessem homossexuais. Jesus não iria excluir estas pessoas. Ou, mesmo que não contássemos com esta possibilidade, por que não serve, para nossa cultura ou vida cristã e heterossexual, o exemplo da relação afetiva de Jesus com seus discípulos? E a amizade íntima e respeitosa entre Jesus e Maria Madalena,

21. GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista*, p. 65-66.

22. Cf. ID., *ibid.*, p. 57-60.

Marta, Maria e Lázaro? E a intimidade entre Jesus e o discípulo João, o amado? Para Jesus, o impuro, ou o perverso, é a falta de amor ao próximo, a falta de respeito, a violência... Jesus afirma a vida, a experiência, não a lei e o pecado. No caso da mulher adúltera (Jo 8), Jesus não usou a lei para condená-la. Ao contrário, a perdoou para dignificá-la. A lei, neste caso, serviu para que os acusadores reconhecessem que também eles eram pecadores.

A ética feminista nos tem orientado com muita lucidez durante as últimas décadas no sentido de reorientar o nosso agir e discernimento quanto às questões morais. Segundo Mary Hunt, esta nova orientação requer uma mudança de método, que significa partir da experiência das pessoas que lutam para fugir do sistema opressivo[23]. A ética na qual nos apoiamos no cotidiano deve ser uma ética de inclusão, não de exclusão; uma ética do sim, não da negação. Uma ética que inclui não só um tipo de sim, mas muitos; que inclui a diversidade, a multiplicidade de experiências afetivas, íntimas, eróticas, corporais. Essa ética deve rechaçar o dualismo hierárquico... É necessário incluir travestis, hermafroditas, além de gays e lésbicas, no quadro da normalidade, porque estas pessoas são pelo menos tão justas e agradáveis a Deus quanto as heterossexuais. Mas só isso não basta, pois seria permanecer dentro de uma moldura rígida, que ainda divide a humanidade em uma meia dúzia de tipos. É preciso que se reconheça que a realidade é muito mais dinâmica que o determinismo dos termos. Cada pessoa é um ser único, que expressa, sente e vive uma sexualidade tecida na vida, no cotidiano, de forma irrepetível, singular. Mas também somos seres sociais, plurais. Nunca somos puros na identidade. Somos nômades em todos os sentidos – sobretudo no desejo, que jamais é estático, mas volúvel, mutante, conforme as experiências que temos oportunidade de vivenciar. Enquanto permitirmos que a sociedade heterossexista nos domestique, enquanto continuarmos enclausurados na nossa visão e experiência unilateral e enquanto as pessoas heterossexuais não saírem do 'armário' para ouvir, saber, olhar, receber algo sobre a experiência das outras pessoas, não poderá haver heterossexualidade ou outra forma de sexualidade sadia. A novidade cristã é o amor ao inimigo e à inimiga, do qual Jesus fala (Lc 6,35). A pessoa inimiga não é alguém que não sabemos reconhecer. A inimiga é a pessoa diferente – em comparação com o que se estabeleceu como a normalidade – pobre, negra, gay, lésbica, perante a qual minha auto-suficiência é questionada. Amar a pessoa inimiga é perdoar e acolher. A regra fundamental, tão violada em Sodoma e Gomorra (Gn 19), continua importante: o acolhimento, a hospitalidade – faz parte da humanização do ser humano. Receber, conhecer e abraçar o próximo e sua luta para realizar o desejo do arco-íris de Deus: a aliança entre nós e com Deus.

Este é um momento histórico especial em que podemos falar de sexualidade de forma enriquecedora, política e emotiva. É também um tempo único em que temos a possibilidade de renovar a aliança, fazê-la mais bonita, ampla, livre. Renovar a aliança

23. HUNT, Mary. "Transformar a teologia moral", in *Concilium* 1985/6, p. 91-92.

quer dizer oferecer morada ao que é diferente em nosso saber, em nosso corpo; renovar a aliança é interagir com experiências antes desconhecidas e deslocar, renegociar nossa própria identidade, antes estática, agora multifacetada e dinâmica. Não dá para ver Deus com apenas um ponto de vista, com um só olhar. Deus mesmo tem preparado muitas moradas (Jo 14,2). Já podemos cruzar fronteiras, superar os muros do preconceito, do medo e reconhecer e vivenciar o outro em nós. A criação de Deus é colorida, plural. Uma sexualidade serializada é uniformização, consenso. E o consenso não respeita diferenças, mas é autoritário.

A sexualidade, com todas as suas expressões, é dom de Deus, é imagem de Deus. Quando expulsamos de casa, da rua, do emprego, da igreja, pessoas por causa de sua sexualidade, fazemos isso com Deus. Pelo menos a Igreja deveria ter uma atitude cristã e ser hospitaleira.

Olhando para todos estes retalhos, soltos ou emendados, que constituem a sabedoria de cada pessoa, não dá mais para conceber sexualidade só a partir de duas ou três possibilidades estabelecidas, ou só a partir dos genitais e da relação sexual. Já sabemos, também, que não somos apenas seres biológicos, mas bio-sócio-culturais. Tanto somos sociais que nossa corporeidade só existe na comunhão com outras pessoas. Todas e todos juntos formamos um grande corpo com múltiplos desejos. Guattari e Deleuze optam por praticamente não falar em sexualidade, mas em desejo, exatamente porque consideram que as coisas da vida não se definem apenas biologicamente, mas que tudo envolve relações que ultrapassam o corpo, a pessoa individual. Eles supõem um desejo e uma subjetividade coletiva – que, às vezes, pode se individualizar.[24]

É preciso que aconteça uma ruptura com as ideologias que produzem a individualização das pessoas, dos desejos, a divisão binária da sexualidade. O poder das palavras, o poder de quem cria as palavras, o poder de quem usa as palavras que excluem e classificam pessoas; o poder, o império do falo e da fala, que impõe a palavra, a ordem... uma ordem genitalizada. A luta de pessoas homossexuais pode se resumir como a luta "pelo direito à liberdade do desejo" (Luiz Mott). O desejo tem muito de caos, caos criativo, que foge à modelização, ordenação, codificação ou classificação. A espontaneidade pode ser sinônimo de desejo.[25]

A vida se antecipa, a nossa forma de compreendê-la pode não conferir com a própria dignidade que lhe está inerente. As respostas muitas vezes vêm antes das perguntas. Podemos estar fazendo perguntas erradas, que não levam em conta a paixão. Nas igrejas prevalece uma ideologia essencialista do como era e como deveria ser, mas não se olha para a vida como ela é. É uma negação da vida presente; é a moral

24. ROLNIK, Suely e GUATTARI, Félix. *Micropolítica*, p. 215.

25. Cf. ID., *ibid.*, p. 73-80; 214-216; 232-234; 276-280.

do futuro que ocupa o lugar da ética cotidiana, do momento. "Dizer sim à vida é apreciar (...) o presente e as situações ou relações que ele engendra."[26]

"Há um nomadismo no ar. Importa, portanto, elaborar um pensamento vagabundo que seja à imagem da errância social. (...) Faz-se necessário voltar 'à própria coisa', reconhecer que não há um sentido estabelecido de uma vez por todas. (...) É necessário, antes de mais nada, saber colocando-se no lugar daquilo que se observa. (...) ao lado da brutalidade do conceito, que entende esgotar aquilo de que se aproxima, esvaziando, em nome da eternidade, o aspecto lábil das coisas, pode existir outra aproximação, muito mais acariciante, atenta ao detalhe, aos elementos menores, numa palavra, àquilo que está vivo."[27]

A ética hermenêutica emergente quando se pergunta pela homossexualidade hoje é conhecer intimamente o texto da vida atual, reconhecer a revelação de Deus nas novas formas de relacionamento que existem e que estão imbuídas de justiça e graça divina. Depois se pode ler os textos bíblicos alusivos à homossexualidade e ver se para nós eles ainda acrescentam algo questionador ou não para algumas situações. O que não se pode fazer é generalizar, julgando todas as relações íntimas a partir de poucos casos.

É obra de Deus ressuscitar formas de amor íntimo que foram crucificadas por um poder que se arrogava uma verdade onipotente. É a ressurreição do desejo que não teme dono, para seguir cantando.

Tantas vezes me mataram, tantas vezes eu morri
Mas agora estou aqui ressuscitando
Agradeço ao meu destino e a esta mão com um punhal
Porque me matou tão mal e eu segui cantando.
Cantando ao sol, como uma cigarra
Depois de um ano embaixo da terra
Igual ao sobrevivente regressando da guerra.
Tantas vezes me afastaram, tantas reapareci
E por tudo que vivi, vivi chorando
Mas depois de tanto pranto eu aos poucos percebi
Que o meu sonho não tem dono e segui cantando.
Tantas vezes me mataram, tantas ressuscitarás
Tantas noites passarás desesperando
Mas na hora do naufrágio, na hora da escuridão
Alguém te resgatará, para ir cantando.

(Música e Letra: Maria Helena Walsh)

Anete Roese
Caixa postal 14
93001-970 São Leopoldo, RS

26. MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*, p. 108.

27. ID., *ibid.*, p. 114-5 e 124-5.